



O jornal dos estudantes da Medicina USP



27 de julho de 2004  
Ano LXXV — número 04

# Pronto para a prática?



Vale ou não a resolução que introduz a prova prática no processo de seleção da residência médica?

A residência médica está em momento de mudanças. Uma resolução que obriga a inclusão de uma prova prática no processo seletivo foi editada, aprovada e pouco depois revogada. Leia a entrevista

com professora Maria do Patrocínio, a Patrô, que participa das discussões sobre residência tanto na FMUSP quanto em âmbito nacional. Ela garante: no HC haverá prova prática já em 2004.

## Fundações

A partir desta edição, O bisturi traz uma série de artigos que analisam um aspecto cada vez mais presentes nas Universidades públicas e na FMUSP: as fundações de apoio. Nesta edição, trata-se de aspectos gerais das fundações, na teoria e na prática.

Página 7

## Eneterra:

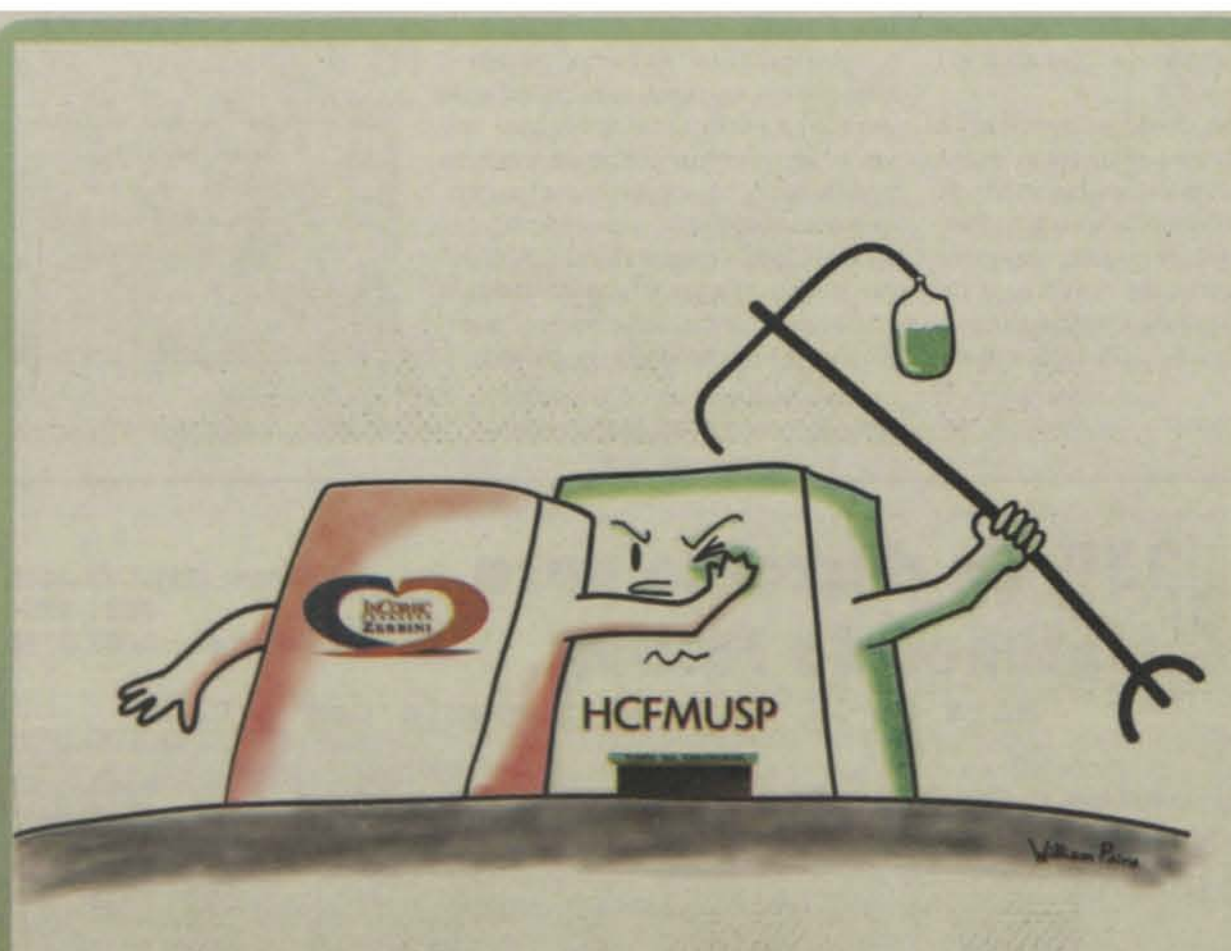
Relato de um participante do primeiro Encontro de Estudantes e Jovens por trabalho, Educação e Reforma Agrária.

Página 3

## Ser médico pode ser humano

Opinião de um interno sobre a vida de um estudante de Medicina influenciando seu futuro profissional.

Página 8



## Aula Trote

Página 8

Você sabia que o InCor quer separar-se do HC?

Página 7



## EDITORIAL

## A calvície precoce dos filhos de Arnaldo

Nesta edição, o Bisturi traz uma matéria especial sobre as mudanças na prova de Residência. Vai ter prova prática, o que é essa prova, como ela vai mudar a vida dos estudantes – de calouros a sexto-anistas – e porque ela está gerando tanta polêmica são algumas das questões abordadas nesta edição.

E não é só a Residência que pode causar pânico em muitos futuros médicos. Trazemos também uma matéria sobre a mais nova idéia do Incor, desconhecida ainda para muitos filhos de Arnaldo: eles querem se separar do HC e da FMUSP. E o projeto já foi enviado para o governo do Estado.

Outro artigo dissecou a situação da disciplina de Atenção Primária, ministrada ao primeiro ano, e que continua neste segundo semestre.

Assim, iniciamos o semestre com uma edição diversificada e cheia de assuntos de grande interesse. Aproveitem a leitura, e participem!

## OPINIÃO

## À mulher de César e aos estudantes grevistas, o mesmo conselho

Rafael Casali Ribeiro – 91

Aos estudantes grevistas da USP mais exaltados cabe conselho análogo ao dado à mulher de César: “Não basta ser honesta. Têm de parecer honesta” Adaptado à situação dos grevistas, o conselho poderia ser: “Não basta serem corretos. Têm de parecer corretos”

O mérito da greve é indiscutível. O não reajuste do salário dos funcionários e professores prejudica o ensino público e o desinteresse dos governos em investir em educação compromete o desenvolvimento do país economicamente e socialmente. De fato, os professores, funcionários e estudantes que estão participando ativamente da greve se preocupam com essas questões, e elaboraram propostas reais para solucionar os problemas apresentados. Nesse sentido, a correção de caráter e motivação dos grevistas é indiscutível.

O que os grevistas parecem não perceber é que não basta que as motivações da greve sejam corretas por si. A forma de defender esses inte-

resses precisa ser igualmente convincente. No entanto, o que se acompanha na mídia é um espetáculo de brutalidade e ignorância por parte do movimento da greve, em oposição a um comportamento cavalheiro do lado das reitorias. Em duas capas recentes da Folha de S. Paulo essa situação se exemplifica claramente:

Quarta-feira, 14 de julho: “Estudantes e funcionários em greve invadem o plenário da Assembleia Legislativa de São Paulo durante votação da LDO” Na foto, observa-se estudantes ensandecidos sendo contidos por policiais. Na matéria correspondente, lê-se: “estudantes e funcionários de USP, Unesp e Unicamp que assistiam à votação invadiram o plenário aos gritos de ‘Isso aqui vai virar um inferno’”

Terça-feira, 20 de julho: “Paus e pedras: estudantes e funcionários em greve da USP mantêm bloqueio de prédios da Universidade de São Paulo; a reitoria decidiu tentar uma nova negociação antes de executar a ordem judicial que determinou a reintegração de posse”. Na foto, um es-

tudante com a cabeça coberta por uma camiseta - expondo somente um olhar ameaçador – empunhando um cano em cada mão, repousados nos ombros e prontos para o uso.

Não se pode contar com a ajuda da mídia aos movimentos sociais. Isso é claro. No entanto, os estudantes na Assembleia Legislativa - um espaço de discussão fundamental para as instituições democráticas -, ao não aceitar a derrota e apelar para a baderna, além de se agirem de forma injustificável, contribuem para a deterioração da imagem da greve junto à população. É de se pensar: se a futura elite intelectual deste país age de forma tão destemperada, que democracia esperar da população neste país?

Certamente, atitudes imaturas como essa causam sentimento de vergonha em muitos estudantes universitários e membros de centros acadêmicos. A experiência mostra que com respeito e seriedade se chega mais longe e mais rápido. E se um dia questionaram a honestidade da mulher de César, hoje podem questionar a legitimidade da greve.

## o bisturi

Jornal dos estudantes da Medicina-  
USP  
Departamento de Imprensa  
Acadêmica do Centro Acadêmico  
“Oswaldo Cruz”

Coordenador:  
Rafael Casali Ribeiro

Equipe:  
Celso Takashi Tutiya  
Cinthya Taniguchi  
Gilmar Júnior  
Leila Fortes  
Luciana Mazoti  
Luciano Angelo Richetti  
Naíma Mortari e Silva Santos  
Priscila Urtiga e Silva  
Yasser Armynd Daglia Calil

Projeto Gráfico:  
(Editora Com-Arte Jr.)  
Fabio Kato  
Paula K. Santos  
William Paiva

Diagramação:  
(Editora Com-Arte Jr.)  
Clarissa Boraschi Maria  
Estevan D. N. G. Praxedes

Arte final:  
(Editora Com-Arte Jr.)  
William Paiva

Tiragem:  
5.000 exemplares

Impressão:  
Gráfica Ponto a Ponto

Este jornal não se responsabiliza pelos  
textos assinados.  
Textos, dúvidas e críticas  
devem ser enviados para  
obisturi@caoc.org.br



**25% de desconto para  
alunos da FMUSP**

Mais de 16 anos de parceria com o CAOC

fonos: (11)3083-4440  
3081-1204  
fone/fax: 3062-7790

Livros de todas as especialidades e de outras  
profissões da Saúde  
Pagamento facilitado

R. Silvío Sacramento, 221  
(trav. Teodoro Sampaio)  
CEP 05408-040  
São Paulo - SP  
E-mail: livraria@academus.com.br

## Relato sobre o I ENETERRA

É fundamental que a juventude e a sociedade se mobilizem e debatam sobre quais os caminhos para construir um projeto alternativo para o país.

Gerson Sobrinho Salvador de Oliveira – 89

Aconteceu em Niterói de 2 a 4 de julho o I ENETERRA (Encontro de Estudantes e Jovens por Trabalho Educação e Reforma Agrária). Foi organizado pela Central de Movimentos Sociais (CMS), principalmente pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), CUT (Central Única dos Trabalhadores) e Federações e Executivas de Cursos da UNE (União Nacional dos Estudantes).

O Ônibus que saiu da USP chegou em Niterói por volta das onze da noite, do primeiro dia. Percebia-se traços do que seria o encontro: muitas pessoas diferentes, vindas de diversas partes do país, viventes em realidades muito distintas, mas naquele momento próximas.

Ao raiar do sol a baía de Guanabara sorria, era possível ver o Cristo

de braços abertos do alojamento, no Campus da Universidade Federal Fluminense (UFF). No café da manhã às mesas comiam como irmãos estudantes e trabalhadores, bom prenúncio.

Houve painéis versando sobre “O atual modelo econômico e o Desemprego”, “A Reforma Agrária que o Brasil Precisa”, “Universidade: Papel Social e Reforma”, “A CMS e a Luta por um Projeto Popular para o Brasil”. Os expositores foram escolhidos entre grandes economistas, professores universitários, militantes de movimentos sociais organizados, nomes como Márcio Pochman, Plínio de Arruda Sampaio e João Pedro Stédile, que deram contribuição fundamental para o encontro.

Após os painéis havia discussão sobre a temática dos mesmos em grupos de aproximadamente vinte e cinco pessoas divididas por nomes de grandes lutadores e lutadoras das

causas populares, o meu grupo era Zumbi dos Palmares. Em roda jovens militantes do MST, CUT e movimento estudantil se olhavam nos olhos e discutiam com o mesmo entusiasmo as questões acerca do trabalho, da educação e reforma agrária. Meu grupo se colocou à sombra de uma árvore, à beira do mar da Guanabara. Nos finais de tarde enquanto debatíamos, assistíamos um dos pores de sol mais bonitos do mundo.

Foi acordada no encontro uma agenda de intensas mobilizações para o segundo semestre e selou-se um compromisso entre as entidades participantes de aproximação dos trabalhos através da CMS.

O I ENETERRA será certamente inesquecível. Pessoalmente considero que o mais importante desse encontro, mais do que as exposições dos intelectuais, mais do que a produção do próprio, foi o sentimento de que um luta maior congrega aqueles mais

de mil jovens participantes, que não estariam próximos só naquele momento, por que as nossas bandeiras não são simplesmente convergentes. A defesa da Universidade Pública e autônoma, capaz de gerar ciência e tecnologia e formar trabalhadores transformadores; a disputa de um modelo econômico que favoreça o setor produtivo, gerando mais emprego e aumentando a renda dos trabalhadores; a luta pela redistribuição de terras, e oportunidades, após cinco séculos de latifúndio e uma das principais concentrações de renda do mundo... são uma mesma luta: a soma desses vetores apontam para uma grande transformação de que a maioria do povo brasileiro prescinde, uma democratização de fato e consolidação de uma sociedade mais livre e mais solidária.

## XV EREM

Mais um Encontro Regional dos Estudantes de Medicina

Gerson Sobrinho Salvador de Oliveira – 89

O XV Encontro Regional dos Estudantes de Medicina da Regional Sul II (PR e SP) da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) ocorreu entre os dias 21 e 23 de maio na cidade de Ribeirão Preto, os anfitriões e organizadores do evento foram os estudantes da Barão de Mauá - Centro Acadêmico Luiz Tarquinio de Assis Lopes.

A FEAPAM serviu como alojamento - um espaço da cidade onde ocorrem grandes eventos como micaretas e exposições.

O tema do Encontro foi a Mercantilização da Educação - “No Movimento da Educação qual é o X (público X privado) da questão?”.

Na sexta-feira (21) após a recepção das delegações, houve uma

cerimônia de abertura composta pelo Secretário da Saúde de Ribeirão Preto, representações da Associação Paulista de Medicina (diretoria e acadêmicos), Guilherme Scapia - coordenador geral do encontro; Jetele Seleme - coordenadora regional da DENEM; e Roberto Oizumi - representando a sede da DENEM.

Houve nesta noite um debate sobre a mercantilização da educação, o Professor Benedito Machado da Associação de Docentes da USP centrou sua fala nas Fundações de Apoio nas universidades públicas, discorrendo sobre como elas são elementos privatizantes uma vez que utilizam o bem público para gerar lucros para setores diversos. O estudante Ueltom Gomes, diretor jurídico da União Estadual dos Estudantes - SP pontuou a expansão do

ensino superior privado em detrimento do público, sobre tudo na última década e expôs várias críticas à Reforma Universitária proposta pelo Governo Federal, sobretudo o programa “Universidade para todos” em que o governo procede uma compra de vagas em instituições privadas para serem destinadas a estudantes carentes. Isso ca eletrônica, teve espetáculo de pirofagia e malabarismo (parece sem graça, mas lá foi muito bom ver).

No domingo a plenária final foi prestigiada por muitos estudantes - de todas as escolas presentes no evento, apresentaram-se os produtos das oficinas, e discutimos a respeito deles. A plenária final aprovou duas moções de repúdio: A primeira às entidades médicas que têm tentado deslegitimar a DENEM como representação dos estudantes de medicina

e promovendo perseguição política a seus coordenadores em seus veículos impressos. Outra a uma cena lamentável que aconteceu no evento e não deve deixar de ser exposta: na noite de sábado houve uma briga entre alguns integrantes de uma das delegações e alguns membros da Comissão Organizadora, fato que maculou o evento e deve servir como exemplo de não proceder em um espaço que serve para confraternizar e aproximar os estudantes de Paraná e São Paulo.

Com tudo isso considero o saldo do evento altamente positivo: um ótimo debate na abertura, boas discussões, festas animadas, alojamento muito bom e comida excelente.

Sorte de quem foi. Parabéns à organização.

## Carta do Mutarelli aos alunos

Uma de minhas paixões na vida é dar aula, transmitir conhecimento e me relacionar com os alunos, trazendo minha experiência de vida, como pessoa e como médico, educar. Esta atividade e este relacionamento com vocês alimentam minha alma.

Agradeço a vocês a demonstração de carinho e de reconhecimento sem

os quais eu não teria condições de continuar em nossa Faculdade. Quero agradecer em especial às pessoas que com pequenos gestos muito me emocionaram - sei que a mobilização dos alunos dependeu da iniciativa de alguns e a participação de todos. Nunca na minha vida vou esquecer os avisos que foram feitos por alu-

nos convocando assembléia geral para discutir os acontecimentos relacionados à minha função na Universidade, a imagem da aluna escrevendo na lousa a convocação da assembléia com meu nome como pauta “O caso Mutarelli” Um caso que diz respeito a todos nós.

A todos vocês e em especial aos anônimos que fazem as coisas acontecerem: Muito Obrigado.

Com carinho e dedicação.

Eduardo Genaro Mutarelli.



# A dama da residência

Devido às mudanças que estão sendo propostas para os programas de residência médica, O Bisturi resolve entrevistar a Patrô, personagem sempre presente quando esse é o assunto.

Priscila Urtiga - 91

**Quando se pensa em residência, principalmente aqui na FMUSP, seu nome surge. Por que? Ou seja, em que órgão você está e qual sua função.**

No meu no primeiro dia de residência nós, residentes da Clínica Médica, fomos surpreendidos pois esperamos por mais ou menos uma ho-

Deve-se adequar o curso de residência médica aos papéis sociais. Para isso não tem como imaginar, Medicina é uma capacitação que você aprende fazendo.

ra e meia num anfiteatro e ninguém apareceu. Então eu e o conhecido Dr° Piriquito fomos pra frente da turma e começamos a organizar a residência de clínica. Desde então sou direta ou indiretamente responsável pela coordenação da residência de clínica médica. Sou coordenadora da residência de Clínica Geral e da residência médica da FMUSP. Tenho a mesma tarefa junto à Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), e a represento na Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM).

**Então, você transita em dois âmbitos...**

Lembro-me que no concurso para me transportar do HC pra USP, alguém na banca comentou: "Eu sempre vejo você como a moça da residência, você também trabalha com graduação?" Sim, pois entendo que são um contínuo.

**Como está o panorama da residência médica atualmente?**

A residência médica possui um papel social. Tem de ter relação com a graduação pela aplicação das diretrizes curriculares e compromisso com o SUS. O que se observa é o prejuízo que, sem querer, a residência médica leva pra graduação. A residência médica hoje é o "sonho dourado" dos alunos de graduação, um equívoco de observação. A residência é a melhor maneira de formar um médico especialista e de inseri-lo no mercado de trabalho. Tem de ter qualidade e ser ofertada para todos os formados, é aí que começam os problemas. Os formados crescem exponencialmente, os programas de residência médica não crescem

(devido a uma questão econômica), a qualidade dos programas de residência médica não é conhecida oficialmente (mas com certeza os alunos do Brasil inteiro fazem um ranking e procuram os serviços que julgam formar melhor).

**Qual o motivo de se pensar em prova prática?**

A prova de residência, por um equívoco, é feita na base do conhecimento apenas das habilidades cognitivas, o que leva a um impacto negativo na graduação. Temos uma grande dificuldade de fazer as pessoas entenderem isso. Primeiro porque, ou entende só de graduação por ser só aluno ou só professor de graduação, ou não entende porque só vê a residência médica. O que eu ouço por parte de quem coordena a residência? Quem está na graduação que torne o curso interessante e seja mais autoritário com os alunos para prendê-los na graduação. Quem está na graduação diz que o concurso de residência está equivocado, só mede o conhecimento e não as habilidades e atitudes dos alunos, logo só imprime um modo de pensar e de agir nos alunos". E isso é verdade.

A prova de residência, por um equívoco, é feita na base do conhecimento apenas das habilidades cognitivas, o que leva a um impacto negativo na graduação. Temos uma grande dificuldade de fazer as pessoas entenderem isso.

**O que deveria ser levado em questão em um novo processo seletivo?**

Deve-se adequar o concurso de residência médica aos papéis sociais já comentados. Para isso não tem como imaginar, Medicina é uma capacitação que você aprende fazendo, nos diferentes níveis de treinamento, que estão nas diretrizes curriculares: alunos têm que ser capazes, claro que com os níveis de competências de um, de atender as demandas primária, secundária e terciária. Algumas provas têm conteúdo absolutamente de conhe-

cimentos sem aplicação prática, como: "Qual é a frequência de tumor dos segmentos da cabeça e pescoço? 12%, 15%, ...?". É conhecimento que não modifica a prática, e por outro lado modifica muito, sim, a graduação.

**Quais são os papéis que a prova prática deve cobrir?**

A prova prática é essencial para sinalizar aos estudantes de Medicina o que se espera deles, sinalizar à sociedade como as entidades e escolas médicas estão comprometidas com a formação dos médicos. Se o aluno fizer atendimento ambulatorial, atendimento na Unidade Básica, passar visita, discutir os casos, quanto mais presente junto aos pacientes, mais lhe favorecerá. E o que é a prática médica senão isso?

**Argumentos contra a prova prática foram elencados na reunião da CNRM. O CFM falou do risco de protecionismo. Vocês disseram que para impedir tal, as bancadas da prova prática teriam também pessoas de outras instituições...**

Ninguém sabe fazer a prova prática, precisamos fazê-la inicialmente de maneira controlada, com a contribuição de todos. Uma banca de examinadores em parte externa da instituição seria bom em vários aspectos: primeiro, observar e aprender, contribuindo para a melhoria do processo; segundo, é interessante uma instituição que forma ter, no momento da saída, a observação de pessoas que não estavam durante o processo de formação; terceiro, o mais importante, é a garantia de imparcialidade. É importante observar que nos últimos cinco anos, mudaram as provas da USP e não mudou o percentual de ex-alunos que se convertem residentes, aqui e em outros serviços. É lógico que os indivíduos egressos de uma instituição passam mais do que outros, porque cada instituição tem um perfil pedagógico, uma forma de enxergar a formação médica a que estão mais habituados.

**Segundo a resolução revogada, colocou-se um máximo de dois candidatos para a segunda fase. Isso leva a primeira fase a ter um grande peso, principalmente em residências mais disputadas...**

Acho uma falácia matemática, pois isso vem da observação de como é o comportamento dos exames de hoje, em que as fases não são eliminatórias; assim a probabilidade de você passar na segunda, se você



não foi bem na primeira etapa, é baixa. Então só vai diminuir a falsa sensação de que eu tenho a possibilidade de passar. Mas neste momento a primeira fase deve ter um peso alto porque a gente sabe muito bem fazer a primeira etapa, que deve ser de aplicação de conhecimento, na base de casos clínicos.

**Há serviços que não têm alguma(s) das grandes áreas. Como farão uma prova prática que deve englobar todas?**

Podem estabelecer convênios. Não é preciso montar bancas e estações para a prova, utilize-as de um centro como a FMUSP. Um outro exemplo, na região de Marília, que tem duas escolas médicas, depois tem Rio Preto, Presidente Prudente...

A prova prática é essencial para sinalizar aos estudantes de Medicina o que se espera deles, sinalizar à sociedade como as entidades e escolas médicas estão comprometidas com a formação dos médicos.

Monta-se um núcleo de avaliação prática da região. Como que vão se dar os convênios? Os públicos entre si se acertam, e os públicos com os privados terão algum tipo de ressarcimento. Mas isso vai levar a um outro tipo de esforço: negociar, organizar calendários a partir das relações candidato-vaga. O SUS roda muito a lista? Então pode ser o último a fazer o exame, depois das matrículas dos programas com maior procura. O melhor é esperar o projeto piloto pra então dissertar



sobre o assunto... E se sair tudo errado considera-se somente a primeira prova, é importante garantir aquilo que a gente sabe como fazer, por mais crítica que exista.

#### É necessário verba maior para a prova prática? De onde ela sairia?

Dizem que é necessário, mas não sei se é verdade. Aqui na FMUSP, há três anos, estamos nos esforçando para que a nossa prova, ainda que escrita, seja o mais prática possível, o que tem custado muito pois a qualidade da impressão tem de ser muito boa. A questão é aplicar o piloto pra saber o quanto vai de fato custar. A primeira vez pode ser mais cara, mas algumas coisas podem ser feitas. O aluno terá treinamentos na base do ACLS/ATLF? Já existem bonecos pra fazer isso? É uma questão apenas de disponibilizar esses centros que praticam isso para tais momentos. Temos alguma experiência de, na clínica, submeter os nossos internos a avaliações práticas voluntárias, de como recebe um paciente, como avalia e lê uma história e passa isso para um assistente. Não é exatamente o que se faria numa prova prática, mas há maneiras de baratear esse custo.

**Na reunião da CNRM foi um consenso de que a prova prática é um avanço, mas foi muito questionada a forma pela qual saiu a resolução, citaram que foi autoritária, que se deveu de uma pressão que emanou da USP... como você vê isso?**

Na reunião da diretoria da ABEM, em Março, foi colocado em pauta a preocupação com os processos seletivos dos programas de residência médica e a necessidade de mudança, e saímos com a resolução de fazer uma oficina em São Paulo para sensibilizar os envolvidos na graduação e residência médica da necessidade de mudança. E desde o ano anterior a CNRM já levava isto pela ABEM, por meu intermédio, ao Ministério da Saú-

de. Em Junho isso é levado para a plenária da Nacional, onde fizemos uma proposta, inclusive melhor elaborada pelo professor Nicolau, representante da AMB. Isso não é uma coisa determinada pela USP, é um desejo das escolas médicas.

#### Mas as resoluções foram revogadas.

O plenário da CNRM entendeu que o Prof. Lopes havia exorbitado de seus direitos na medida em que editou a resolução que regulamentava a prova prática diferente daquilo que foi decidido e votado em plenária, um

A FMUSP reúne nesse momento as condições físicas quase que totais e ideais para elaborar uma prova prática.

piloto prévio que permitisse avaliar a viabilidade e impacto desta modalidade de seleção. E mais ainda, resolução que sequer havia passado em reunião e menos ainda votada. Assim, os membros votantes (ABEM, CFM, AMB, FENAM, Ministério da Saúde e Previdência) entenderam ser importante resgatar o espírito democrático que originou a CNRM, julgando necessário revogar as resoluções, ainda que concordantes com as idéias. Marcou-se reunião extraordinária da CNRM para 04 e 05 de Agosto, quando serão discutidas e elaboradas conjuntamente as resoluções revogadas. Como não se combatia as idéias, mas sim a forma de elaboração, imagina-se que não haverá modificações das idéias, apenas da execução.

**Haverá participação dos estudantes de Medicina no processo de formação, não da prova em si, mas**

#### do pensamento de como seria essa prova?

Com certeza. Tanto que a DENEM, que a CINAEM reconhece como representante dos estudantes, estava na oficina do dia 29 de maio, onde se colocou como próxima etapa um fórum nacional que construa parâmetros para essa prova prática.

#### Existe alguma referência no resto do mundo de uma avaliação prática?

Na última edição do *New England* saíram textos que mostram que a sociedade americana, com seus maus exemplos, decidiu submeter os egressos do curso médico a uma avaliação prática. A autora do texto diz exatamente o seguinte: "para sinalizar para os estudantes de Medicina o que nós queremos com os cursos médicos; para dar à sociedade uma noção de quanto nós estamos comprometidos com uma boa assistência"... Exatamente o que a gente vêm repetindo a tempos.

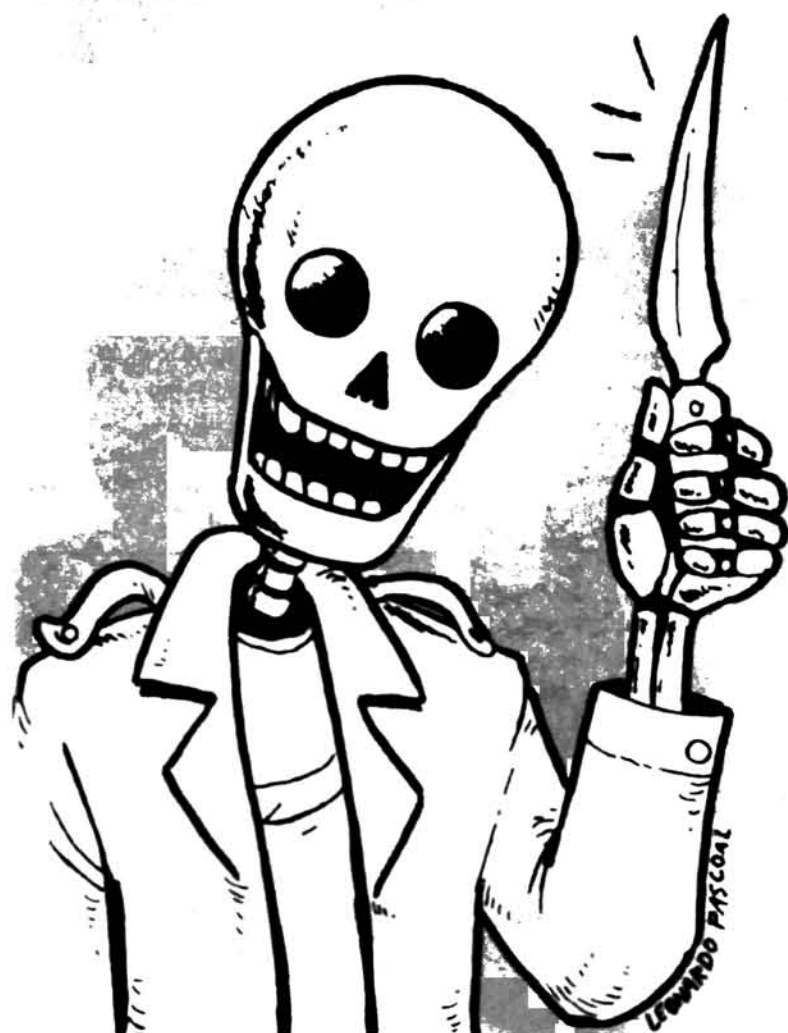
#### O que mais interessa para os leitores do Bisturi em massa: o teste da prova prática vai ocorrer aqui na FMUSP este ano?

Se tudo correr conforme esperado, sim. É a forma de aprimorarmos o processo de formação médica, é legítimo, adequado e representa o que os nossos internos fazem, pois estão nesse momento nas UTI, Pronto Atendimento, Pronto Socorro, Enfermarias, Ambulatórios... Serão avaliados da maneira como foram treinados. E acho que a FMUSP reúne nesse momento as condições físicas quase que totais e ideais para elaborar uma prova prática. Aprendi com o Prof. Rocha que contra fatos não há argumentos, então mostraremos os fatos. É possível elaborar a prova não sem muito trabalho, mas com tranquilidade, até porque a FMUSP tem um acumulado de avaliação prática dos internos,

participou ativamente, por meio da Prof. Cida Basili, das avaliações práticas da antiga CINAEM. Não estamos falando de nada novo... Check Lists? A CINAEM já tem essas listas construídas.

#### Hoje a FMUSP obedece ao esquema 90-10 (90% da nota é composta de prova objetiva e 10% é entrevista e análise de currículo). Com a prova prática, manteriam-se os 10%?

Cada departamento, área ou programa tem que optar por usar ou não o direito de 10%. Porque tem aí o perfil de cada um de nós para aquilo que nos propomos fazer. É certo que são só 10% e é pouco tempo dessa avaliação, mas também é verdade que depois de um certo tempo, conseguimos sim, evidente que com uma margem de erro, avaliar. O que tem que ser bastante claro e divulgado pros candidatos são os critérios e seus motivos. Isso não está claro para quem é avaliado, só para o avaliador. Também avaliamos o currículo porque senão fica sem sentido, olhem as diretrizes do currículo médico, lá diz que o aluno tem que se comprometer com assistência, extensão... E você não vai valorizar isso em um processo seletivo? Iniciação científica é importante? É. Pra ser cientista? Não, para aprender juízo de valor, crítica em relação à medicina, às verdades tão efêmeras da Medicina... Atendimento no EMA, é importante? Claro! Não só porque o aluno vai aprender a ser médico lá, é porque vai aprender a responsabilidade social que ele tem, e isso ele vai levar pro resto da vida. E olha, na entrevista anterior que eu dei para O Bisturi a briga era: "Ah, esses 90% estão prejudicando a formação médica", e eu dizia que não se trata de ser 90%, trata-se de aprimorar a forma como se aplicam os 90%. Eu entendo a prova prática como um aprimoramento.



o bisturi  
está em suas mãos!

Participe do jornal dos estudantes da Medicina-USP!

Envie seus textos, poemas e ilustrações para:

[obisturi@caoc.org.br](mailto:obisturi@caoc.org.br)

# Nem tudo que reluz é ouro

Sobre a prova prática de Residência Médica

Gerson Sobrinho Salvador de Oliveira – 89  
Pedro Silveira Carneiro – XX

Até 1999 não havia padronização dos Concursos para Programas de Residência Médica no Brasil. Deste modo cada instituição estruturava sua avaliação. Esse modelo foi alvo de críticas por que propiciava que estudantes egressos de instituições de ensino que também oferecem Programas de Residência fossem privilegiados nos Concursos, ou que os avaliadores pudessem excluir estudantes por motivos “não pedagógicos”, através de notas de entrevista enviesadas.

A solução apontada na época foi a padronização dos exames em duas fases: a primeira que corresponderia a 90% da nota seria uma prova teórica, os 10% restantes seriam atribuídos à avaliação de currículo e entrevista. Esse modelo diminuiu a

cognitivos em detrimento de aquisição de habilidades e competências fez com que muitos estudantes se dedicassem menos às atividades dos internatos e buscassem aprofundamento teórico; aproveitando grande potencial de mercado (cerca de doze mil formando por ano) cursinhos oportunistas surgiram, verdadeiras máquinas de dinheiro, que ensinam medicina em apostilas. Além disso atividades de extensão universitária, pesquisa científica, atividades extracurriculares foram severamente desestimuladas.

Em 12 de maio de 2004 foi publicada no Diário Oficial da União a Resolução 03/2004 da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) que instituiu a avaliação nos Concursos de Residência dividida em duas fases: uma teórica, valendo 50% da nota, com caráter eliminatório; seriam aprovados, no mínimo dois candidatos por vaga ofertada. A

subjetivos dos avaliadores, impedindo desfavorecimento ou favorecimento de candidatos, seria certamente um meio que contribuiria para a valorização da prática pelos estu-

que oferecem programas de Residência a partir do próximo ano.

Devido a essas “falhas processuais” em 08/07 a CNRM decidiu pela revogação desta e de outras reso-

Uma prova prática bem elaborada que minimizasse vieses subjetivos dos avaliadores, impedindo desfavorecimento ou favorecimento de candidatos, seria certamente um meio que contribuiria para a valorização da prática pelos estudantes e instituições.

A solução apontada na época foi a padronização dos exames em duas fases: a primeira que corresponderia a 90% da nota seria uma prova teórica, os 10% restantes seriam atribuídos à avaliação de currículo e entrevista. Esse modelo diminuiu a possibilidade de burlar os concursos, mas não trouxe o resultado esperado.

possibilidade de burlar os concursos, mas não trouxe o resultado esperado, por que em muitas instituições Senhores Feudais ainda decidem quem cursará ou não Residência Médica. O efeito colateral desta conduta foi excessivamente negativo: a supervalorização de conteúdos

segunda fase seria constituída de avaliação prática valendo de 40 a 50% da nota, o restante seria avaliação de currículo / entrevista. Esse modelo seria opcional em 2004 e obrigatório a partir de 2005.

Uma prova prática bem elaborada que minimizasse vieses

dantes e instituições. Isso aponta para a priorização do aprimoramento da técnica semiológica, relação médico-paciente, comunicabilidade, e outras habilidades previstas nas Diretrizes Curriculares, colaborando no processo de transformação da educação médica.

Entretanto é necessário entendermos como se deu o processo de construção desta resolução: a CNRM é formada por representantes do Governo Federal, Entidades Médicas, representação dos Residentes e Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Segundo essas entidades, as diretrizes sobre uma avaliação prática foram discutidas na CNRM mas o conteúdo da resolução foi decidido de maneira arbitrária pelo Presidente da Comissão (que é indicado pelo Ministro da Educação). Entre os pontos mais criticados está a instituição da implementação da prova sem um projeto piloto que testasse o modelo, a não determinação de quem financiaria o exame e a obrigatoriedade para as quatrocentas e quinze instituições

lções assinadas pelo atual presidente – sobre avaliação dos programas, implementação de bolsa para preceptor-tutor e acesso direto a especialidades de Neurologia e Dermatologia. Foi marcada para início de agosto reunião extraordinária para discussão dos méritos das resoluções revogadas.

É muito importante que, devido a essas intercorrências, não se perca o princípio de implementação de avaliação prática, já que essa tem muito a contribuir, como já foi exposto. Entretanto não podemos esperar que o Universo conspire em favor de nossas aspirações. A Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) – formada pelos Centros e Diretórios Acadêmicos do Brasil, está acompanhando o processo e deve disputar essa construção em parceria com a ABEM, em nome de um projeto de educação que prime por formação de médicos com senso de responsabilidade social, agentes de transformações que democratizem o acesso à saúde e com formação técnica altamente qualificada.



“Sorteio” de uma linda maleta médica. Ligue ou venha saber como participar

> Estamos imbáteis nos preços e condições de pagamento. Não compre seu livro antes de nos consultar

> Na Livrosete o seu livro vai até você. DISKLIVROS: (11) 3061.1113.

> Trabalhamos com cheques pré, boletos bancários e cartão VISA.



# Inconstruções antidemocráticas

A tentativa de separar o InCor do HC que poucos conhecem...

Carlos Henrique dos Anjos – 90

Assuntos técnico-administrativos, não cabem à discussão do coletivo, mas sim à decisão daqueles que entendem do assunto e dominam os jargões burocráticos, normalmente os dirigentes das instituições. Esta é uma idéia que caminha constantemente com as decisões de nosso país, e nestes últimos dias ela aflorou aqui em nosso complexo sobre a forma do belo e majestoso InCor.

Uma separação técnico-administrativa-financeira do InCor em relação ao complexo HC era vislumbrada por parte de seus dirigentes. O objetivo seria possibilitar uma maior agilidade de gestão ao InCor, bem como ao complexo HC, que já é bem grande, o que dificulta muito sua administração. Não haveria por que a Faculdade ou HC se preocupar, já que ainda existiria uma ligação do InCor a estas instituições

através dos pacientes (indicação e contra indicação de paciente) e das aulas de cardiologia, respectivamente.

Quanto aos trâmites técnico-burocráticos da separação ninguém precisaria se preocupar também, pois já havia uma proposta de lei pronta, a fim de viabilizar a separação, bem como um estatuto que regeria o novo hospital. Até politicamente as coisas caminhavam, pois num café da manhã com nosso governador a proposta foi apresentada junto a um pedido carinhoso para que fosse aceita.

Uma bela construção, não? Só faltou um pequeno detalhe em todo o processo: avisar todos os envolvidos pela separação. Curioso que em momento algum o conselho deliberativo do HC, a Congregação da Faculdade, os estudantes e até mesmo a maior parte das pessoas que compõem o InCor foram avisadas do processo e puderam opinar sobre tal.

Curioso que a maior parte de nosso complexo veio saber deste pedido através de terceiros e não da boca daqueles que o desenharam. Também bastante intrigante o fato de que quando procurado pelo CAOC os dirigentes do InCor não se mostraram dispostos a conversar sobre o tema, nem ao menos receber os membros da citada representação estudantil.

Apesar de ninguém ter sido consultado, o processo estava caminhando. Portanto um posicionamento por parte de todo Complexo deveria ser tomado e nada melhor do que uma boa discussão dentro da Congregação para retirada desse posicionamento. Assim foi feito. Mais uma vez intrigante o fato de, bem nesta Congregação, quando o tema seria amplamente discutido pelo coletivo, as pessoas envolvidas em sua construção não comparecerem. Frente a uma construção totalmente distorcida e

não visualizando nenhuma vantagem para que a separação ocorresse a Congregação da Faculdade foi absolutamente contra o pedido encaminhado ao governador, sendo unânime a idéia de que este pedido deveria ser impedido e que portanto um esforço para que o governador não o aceitasse deveria ser feito.

O desenrolar da história correu bem, o pedido não foi aceito e portanto a separação não ocorreu. Mas toda esta história é muito triste, pois nos mostra que mesmo em nosso complexo, em que estamos acostumados a discutirmos os assuntos internos da Faculdade, HC e FFM (Fundação Faculdade de Medicina) nos diversos fóruns de deliberação ainda existem pessoas com idéias retrógradadas que acham que decisões devem partir de uma pequena equipe pensante não cabendo ao coletivo discutir ou opinar sobre assunto.

## Fundações de Apoio

Primeiro texto de uma série que aborda as fundações de apoio e suas interações com as Universidades públicas

Carlos Henrique dos Anjos – 90

Um Estado forte, capaz de suprir as necessidades básicas de sua população através da verba arrecadada de seus diversos impostos. Um Estado bem organizado, gerindo adequadamente estes mesmos serviços. Este sem dúvida é o ideal que gostaríamos que vigorasse em nosso país, porém não é o que ocorre atualmente. Frente a esta realidade, em que diversas áreas fundamentais, como a educação, se encontram defasadas seja por pouco capital ou por má administração é que surgem as fundações de apoio.

Com o objetivo de captar e gerir recursos em benefício das instituições que apóiam é que são criadas grande parte destas fundações. Ou seja, as fundações elevariam a captação e utilização de recursos, melhorariam sua gestão e agilizariam a utilização da verba arrecadada. A origem dos recursos arrecadados poderia ser tanto

público, através de parcerias com este setor, quanto privado, de onde há grande interesse de que haja parcerias com as Universidades.

No cenário da educação superior, em tese, as fundações apresentam-se como um sistema de gestão bem interessante. De um lado há as grandes universidades estaduais, como a USP, com ótimos profissionais, muitos dos melhores pesquisadores, um magnífico nome e uma real necessidade de mais recursos. Do outro lado haveria, então, as fundações, que viabilizariam diversas parcerias econômicas, arrecadando um grande capital, proveniente tanto do setor privado como do sistema público.

Várias são as possibilidades de aplicação de parcerias intermediadas pelas fundações. Por exemplo: uma empresa, de capital público ou privado, contrataria o serviço de profissionais da USP, como a produção de pesquisas científicas, desenvolvimento de tecnologias e estudos populacionais,

entre tantas outras, através das fundações. O capital proveniente desta prestação de serviço serviria então, parte para gastos envolvidos no processo em si e na manutenção da fundação, e parte em investimentos na universidade, que viriam de forma ágil, sem muita burocracia.

No entanto, esta opção de gestão, que se bem aplicada mostra-se bastante interessante, foi desvirtuada por um grande número de fundações já existentes na universidade. Estas fundações, ao invés de gerarem maiores recursos para universidade, passaram a usar o nome, infra-estrutura e profissionais desta instituição para benefício próprio e de uma pequena parcela de profissionais da universidade. Os exemplos mais destacados são as fundações ligadas à FEA, que utilizam todo o arcabouço da USP para aplicação de cursos de pós-graduação, muito bem pagos pelos alunos, e produzem um montante grande de recursos que beneficiam apenas os professores

envolvidos e as próprias fundações, sendo somente uma ínfima parcela da verba redirecionada à Universidade.

Além desta lógica descabida, em que uma instituição privada (as fundações de apoio de caráter privado) utiliza um espaço público para produção de capital e não o redireciona, algumas destas fundações trazem outros problemas à Universidade. Há, por exemplo, professores que passam a utilizar parte de seu tempo para serviços contratados pela fundação, lucrando bastante com isso, e acabam disponibilizando uma menor atenção aos seus deveres dentro da universidade, que é o ensino, a pesquisa e a extensão, comprometendo a boa qualidade da universidade.

Mas nem todas as fundações ligadas as Universidades se desvirtuaram. O sistema fundacional ainda não chegou ao seu fim. Veja na próxima edição de O Bisturi a continuação desta discussão sobre um dos mais polêmicos temas que cerca nossa universidade.

A Livraria Científica Ernesto Reichmann tem o que você precisa

- ✓ livros nacionais e importados
- ✓ importação própria
- ✓ entrega rápida
- ✓ facilidades de pagamento
- ✓ serviço de entrega na grande São Paulo e sedex para todo o Brasil

\*Aceitamos cartões Visa, Mastercard, Amex e Dinners

Medicina  
Farmácia  
Saúde Pública  
Odontologia  
Enfermagem  
Fisioterapia  
Fonoaudiologia  
Nutrição  
Psicologia  
Terapia Ocupacional  
Veterinária

ER 68  
Anos

Livraria Científica  
ERNESTO REICHMANN  
www.brasilbooks.com

Loja 1 - R. Dom José de Barros, 158  
Tel.: (11) 3255-1342 Telefax: (11) 3255-7501  
Loja 2 - R. Pedro de Toledo, 597  
Tel.: (11) 5082-5050 Telefax: (11) 5575-9037  
Loja 4 - Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823  
Jurubatuba - Campus SENAC  
Telefax: (11) 5523-5023



# Ser Médico pode Ser Humano?

Francisco Mogadouro da Cunha – 87

Muito se fala sobre humanização da saúde; no nosso curso, esse assunto é discutido em Bases Humanísticas da Medicina I e II, Psicologia Médica, Cidadania e Medicina, Bioética, Bioética Clínica... Fora outras oportunidades, curriculares ou não.

Certamente discutir humanização é um avanço, mas é muito comum ver e ouvir opiniões e atitudes muito contraditórias ao que se diz na teoria. Como as experiências vivenciadas na prática nos marcam muito mais do que uma aula teórica, é comum que, ao final dos 6 anos de curso, sejamos muito diferentes do que gostaríamos de ser quando estávamos no começo da faculdade.

Ouvi recentemente da dona Remédios Mira Fernandes da Silva, líder comunitária e usuária do SUS em Botucatu – SP, a seguinte definição: “humanizar é tratar a gente como gente, não como cachorro”. Não acho que nossos pacientes sejam tratados como “cachorro”, mas será que são tratados como gente?

Um parâmetro para tal comparação é: será que nossos pacientes são

tratados como nós gostaríamos de ser tratados se estivéssemos no lugar deles? Ou se um parente nosso estivesse?

Essa reflexão exige um exercício que nós não estamos habituados a praticar em nosso dia-a-dia no hospital: colocar-nos no lugar do paciente, imaginando suas angústias, seu sofrimento, e levar isso em conta na hora de tomar decisões. É difícil, não é?

Por que isso é difícil? Acredito que um dos motivos seja o fato de sermos tão diferentes das “pessoas comuns” - entre as quais se incluem nossos pacientes. Não falo de diferenças sócio-econômicas, que são um capítulo à parte, e sim de diferenças que nós mesmos criamos entre “médicos” e “resto do mundo”

Cada um de nós, desde que pensou em estudar medicina, ouve quase diariamente: “é tão difícil de entrar”, “você vai ter que estudar a vida inteira”, “médico não tem descanso nunca”, “nossa, não sei como você gosta disso!” e outros comentários assim. Por que será?

Nosso curso, por sua carga horária e pela cultura de que devemos nos dedicar 24 horas por dia a ele, é

certamente um dos fatores. O fantasma da prova de residência, em função do qual muitos de nós vivem desde o começo da faculdade, também pesa muito. Somos estimulados a competir entre nós mesmos, cada um tentando superar seus próprios limites o tempo todo... Isso não é desumano?

Temos uma carga horária sufocante (e mal aproveitada) desde o primeiro ano; ainda assim, usamos as poucas “janelas” para fazer mais coisas na faculdade. Temos menos tempo de férias do que qualquer outro curso, e geralmente as datas não batem... Quem mais tem férias de 31 de maio a 13 de junho, como o nosso 6º ano em 2004?

Assim, ao longo dos 6 anos, nosso universo se torna cada vez mais restrito; nosso horizonte cada vez menor, limitado ao mundo da medicina, ao espaço do hospital, aos assuntos médicos. Eu já me vi discutindo farmacologia dentro de uma lagoa em Jericoacoara e falando de exame físico no famoso Pinguim, em Ribeirão Preto. Quem nunca se pegou falando de medicina nas situações mais absurdas para isso?

Não pretendo com esse texto criticar nossa dedicação à medicina, nosso amor à profissão. Minha intenção é estimular o senso crítico para conseguirmos evitar os efeitos nocivos desse “amor” quando ele é excessivo.

Assim, recomendo a todos que procurem fazer coisas “não-médicas” sempre que possível: conviver com pessoas diferentes, ler, ouvir música, ir ao cinema, viajar... Tirar um dia para dormir direito de vez em quando... Sem ter vergonha nem se sentir culpado por estar “perdendo tempo”

Por fim, sugiro que a cada atendimento médico – seja ele uma consulta no EMA/Julita, com muuuito tempo para conversar, ou uma emergência no PS, onde não dá tempo nem de saber o nome do paciente – cada um de nós procure se colocar no lugar do paciente, de sua família, e agir como gostaria de ser tratado se estivesse “do lado de lá” Garanto que é possível e que traz bons resultados.

## AULA TROTE

A visão de um calouro sobre a matéria Atenção Primária à Saúde

Gilmar Junior – 92

A saúde é reflexo da interação entre fatores sociais, psicológicos e biológicos. Logo, é dever do médico extrapolar o papel meramente técnico, e atentar-se às variáveis psico-sociais do paciente. Nesse contexto, elaborou-se um curso que permitisse a extrapolação do tecnicismo: a Atenção Primária em Saúde. Contudo, em virtude da precária organização e administração desse curso, tal ideal encontra-se deturpado e longe da realização.

O conhecimento da realidade do paciente é *a priori* a melhor forma de compreender suas ações como a prevenção de doenças, a aderência ao tratamento e fatores subjetivos desencadeantes de determinadas doenças. Não obstante, por meio de tal conhecimento o médico torna-se apto a elaborar tratamento mais eficiente e respeitoso ao público do HC, que, em sua maioria, advém de um contexto social próximo ao das

regiões abrangidas pelo atual curso de Atenção Primária.

Contudo, é imprescindível que se atente ao modo como esse contexto é apresentado ao aluno e analisado no decorrer do curso. Atualmente, este curso, aparentemente, baseia-se na crença de que o aluno de medicina vive em “torre de marfim”, sendo alheio às questões sociais. Na perspectiva discente, as aulas são ministradas como visitas ao zoológico, ou seja, o aluno é levado a uma comunidade carente, anda pelas ruas vestindo jaleco, entra nas casas das pessoas e assiste *passivamente* à sua realidade, volta à UBS após uma hora, onde ganha lanchinho antes de entrar em seu confortável ônibus e partir.

As atividades dos alunos, durante um semestre, restringiram-se a 3 visitas domiciliares, em que o aluno apenas ouve a conversa entre o Agente Comunitário de Saúde (ACS) e a população, a três períodos de reconhecimento do bairro e, é claro, aos dois agradabilíssimos períodos em

que os alunos ficaram confinados à UBS copiando os dados sociais colhidos pelas ACS - seriam os organizadores do curso inocentes a ponto de serem que *copiar* dados leva à compreensão de um contexto social?

Paralelamente, os ACS, funcionários responsáveis por conectar a Saúde e a população, são prejudicados pela implantação desaceretada do curso, que prometia a interação dos alunos ao Programa Saúde da Família (PSF) sem, no entanto, atrapalhar seu funcionamento. Entretanto, é ministrado no período da manhã logo, o ACS e o aluno saem mais cedo da UBS, deparando-se com a população dormindo. Ou seja, o ACS é obrigado a repetir à tarde o mesmo trajeto que fez pela manhã, a fim de visitar quem estava dormindo.

Em virtude das atividades precárias e de pragmatismo questionável propostas pelo curso e de sua dissonância com o próprio PSF, é imprescindível a reconsideração da administração do curso de Atenção

Primária, como matéria obrigatória, aos alunos do primeiro ano. É igualmente indispensável que se considere o fato de que um assunto subjetivo como a compreensão da realidade necessita do engajamento do aluno, o qual inexistente em atividades compulsórias. Espera-se afinal que um curso que objetiva entender o paciente, seja apto a compreender a motivação do aluno.

Por outro lado, é crível que a participação dos alunos nos terceiros e quintos anos na UBS seja mais relevante, uma vez que permitirá a interação entre os âmbitos sociais, psicológicos e biológicos pelo aluno, ao contrário do atual modelo que propicia precariamente apenas a consideração do aspecto social.

Por fim, é válido lembrar que um ministrante do curso disse aos calouros da turma 92, que este curso formaria melhores médicos. E depois dizem que na Pinheiros não tem aula trote!



# COISAS DE ARNALDO:

## Lendas dos filhos de Arnaldo

Já disse o nosso querido Aurélio: “lenda: narração em que os fatos históricos são deformados pela imaginação” Das três histórias abaixo, uma é verdadeira. Ou não... Escolha a sua, aumente um ponto, e passe pra frente!

Luciana Mazoti - 90

**E**ra uma vez, nos idos de mil novecentos e vovó menina, um renomado cirurgião do ilustre Reino da Faculdade de Medicina. Seu nome era Prof. Dr. V, e ele sofria de uma terrível maldição: tinha um imenso suprades-nivelamento da ponta da cartilagem nasal.

Apesar disso, Prof. Dr. V vivia muito tranqüilamente, e contam que ele alegremente organizou a reforma do andar do castelo que comandava. Nessa ocasião, mandou construir um enorme busto para ser colocado no anfiteatro, para homenagear ninguém mais, ninguém menos que o incrível Prof. V. E nesse anfiteatro ele exibiu o seu lado mais altruísta, dando aula para reles alunos plebeus, abraçado ao seu querido busto.

Mas um dia, enquanto caminhava pelo Reino, Prof. V sentiu que lhe faltava alguma coisa. Então ele chamou o maior joalheiro das redondezas e mandou que construísse em segredo um lindo Bisturi de Ouro. Quando a jóia ficou pronta, Prof. V chamou todos os seus colegas e disse: “Vou andar por todo o mundo, procurarei em todos os castelos, e nem terra, nem água, nem ar vão me impedir de entregar este Bisturi ao melhor cirurgião que

existe”. Dito isso, montou em seu cavalo branco e partiu.

A vida no reino transcorria lentamente, e algum tempo se passou até que Prof. V retornasse. Mas um dia ele voltou. E organizou um grande banquete, chamando toda a corte para prestar homenagem ao maior cirurgião do mundo, que naquela noite receberia seu merecido prêmio. E todos compareceram à festa, curiosos que estavam de conhecer tão ilustre visitante.

Exatamente à meia-noite, Prof. Dr. V se levantou. Todos se calaram. E foi com voz comovida que ele falou:

“Caros colegas, por todo o mundo andei eu à procura do melhor dentre os melhores, do cirurgião cuja mão fosse a mais hábil, a mais leve, a mais forte e ao mesmo tempo a mais delicada. Muitos conheci nessa minha busca, e por lugares ignotos eu andei. E hoje volto aqui para presentear esse homem incrível e único. Traço o Bisturi de Ouro para ser entregue a mim mesmo, porque no mundo inteiro não há um só cirurgião que seja melhor do que eu. Obrigado.”

E se sentou.

**C**onsta que um certo dia os alunos chegaram na Faculdade e encontraram o maior rebuliço. O que houve, o que não houve, ninguém sabia. E enquanto isso todo mundo aproveitava pra atrasar a aula.

Até que uma hora o Diretor apareceu, e rolou aquele friozinho na barriga – ele estava com uma cara de pouquíssimos amigos. Quando começou a falar, deu pra perceber que ele estava, no mínimo, possesso. Queria uma reunião com os estudantes. E já.

Foi organizada então uma assembléia com todos os alunos (ou pelo menos com todos os que tinham sobrado), e o Diretor se pôs a falar.

Começou dizendo que algo horrível havia acontecido, algo que manchava a honra da Faculdade. Tinham roubado o busto do Prof. Alfonso Bovero. É, aquele mesmo, com cara de mau, que fica no corredor da Anatomia. Uma coisa absurda, intolerável, onde já se viu um negócio desses?

Como tinha sido? Ninguém sabia. Como podia? Ninguém imaginava. E o Diretor, consternado, resolveu cancelar todas as aulas até que se descobrisse alguma coisa.

Foi então que discretamente um aluno muito tímido pediu licença para falar.

Professor, sabe o que é? É que eu vim para a aula pela Arthur de Azevedo hoje de manhã, e quando passei pela Atlética vi um brilho meio estranho lá dentro.

Pandemônio. Gritos por todos os lados, mulheres desmaiando. Para evitar uma correria generalizada até a Atlética, foi imediatamente organizada uma comissão responsável por ir até lá investigar.

Pois foi dito e feito. Lá estava o professor Bovero, calmamente se bronzeando em cima do trampolim. E desde então ele ficou assim moreninho.

**M**adrugada no HC. Depois de sabe-se lá quanto tempo, finalmente o residente consegue ir dormir. Até que...

Enfermeira - Dotôôô-ooooooooo, telefone!

Residente - Ahn...

Enfermeira - Acorda, doutor, telefone pro senhor!

Residente - Já vai, já vai... (pegando o telefone) Alôôôô????

Alguém - Alô. Eu gostaria de saber sobre um paciente que está

internado aí no Pronto Socorro.

Residente - Heeein...???

Alguém - Eu quero saber como está um paciente que eu mandei aí para o Pronto Socorro.

Residente - Como assim?... Paciente?... O senhor me acordou só pra saber como está um paciente?

Alguém - !!!

Residente - Péra lá. O senhor teve a coragem de ligar aqui, de madrugada, só pra isso??? Ah, vai pra piiiinii-que-piiiiiiiiiiii. Que que o se-

nhor tá pensando? Que eu sou escravo? Que eu não tenho nem o direito de dormir? Ah, mas é claro, vamos todos ligar no PS para acordar o Fulano, mó legal, ele nem faz nada mesmo!!

Alguém - Eu já disse que eu quero saber...

Residente - Quer saber nada! Tá achando que eu sou idiota?

Alguém - Agora já chega. Nem mais um palavra. Eu quero saber como está o paciente Ciclano de Tal.

E você vai me dizer. Ou por acaso você não sabe com QUEM está falando?

Residente - Não.

Alguém - Aqui é o Prof. Dr. Y.

Residente - E o senhor, por acaso sabe com QUEM está falando?

Prof. Dr. Y - Não.

Residente - Ainda bem.

TUUU-TUUUU-TUUUU-TUUUUU-TUUUUU...





## SANGUE, SUOR E CERVEJA!

Mais uma vez superamos nossos próprios limites, vencemos obstáculos como inalcançáveis, mostramos porque o lugar mais alto deve ser nosso e conseguimos conquistar, assim, mais uma InterUSP!

Cada detalhe foi fundamental para esta conquista: o esforço individual nos treinos, o espírito de coletividade, a empolgação da torcida. Em meio as centenas de pontos disputados vencemos a POLI por um ponto!

O torneio começou com grande equilíbrio. A POLI levava ligeira van-

tagem na quadra por ter vencido os dois confrontos diretos que tínhamos na primeira etapa: o vôlei feminino e o handball masculino. Por outro lado, nossos esportes individuais arrasaram e conseguimos assegurar pontos importantíssimos. Vale destacar que os residentes foram fundamentais para as vitórias, tanto na natação, quanto no karatê e no judô.

O sábado foi, sem dúvida, um dia inesquecível. Tínhamos cinco semifinais para disputar contra a POLI! O início do dia foi difícil, já que logo

pela manhã perdemos o jogo de beisebol. Mas a porcada mostrou que tinha ido para Guará para sair com o título e vencemos de forma brilhante quatro jogos consecutivos: basquete feminino contra a FEA (que havia batido a POLI logo na estréia), futsal feminino contra a POLI (por 1X0, faltando menos de 2 minutos para terminar o jogo!), basquete masculino contra a FEA (em uma atuação memorável da nossa equipe, coroada com a enterrada do Pedrão 85 no final do jogo) e vôlei masculino contra a

POLI novamente (em mais uma disputa emocionante).

Terminamos o sábado com uma vantagem razoável.

O domingo começou muito bem com o basquete feminino vencendo a São Francisco. Vencemos também o handball feminino e o vôlei masculino e, com a derrota do handball masculino da POLI para a FEA, sagramos-nos CAMPEÕES GERAIS DA INTERUSP pela 18ª vez.

A partir daí foi só abrir o cocozão e comemorar!



## Aventuras no México

09/10/1942 – La llegada de unos estraños en nuestra villa.

Mococa – 91

Andavam pelo mundo quatro jovens estudantes de medicina, que haviam ingressado anos antes na FMUSP e dela ainda não haviam saído. Apesar de seu alto comprometimento com os estudos médicos eles decidiram expandir seus horizontes e conhecer novas paragens, antes que fossem convertidos à anuros e ficassem completamente presos à um ambiente repleto de micróbios super-resistentes, assistentes, Palheta de graça e outras coisas tão terríveis de se imaginar que não se deve narrar aqui.

Eram eles: O ávido por recursos Sr. Pança; Zinedine Zidane (que sempre se vestia de marinheirinho, por ter tido o pai meio marinheiro); Gordines 88 (que nunca se decidia entre jogar rugby ou xadrez) e um que andava de capuz xadrez e comia sanduíches de presunto (apesar da baixa conversão deste em gordura), Penas.

Chegaram então nossos heróis à uma paragem um tanto quanto estra-

nha, onde todos diziam “*Gracias, señor*”, Acapulco se chamava Guarujá e dois indivíduos disputavam as vendas de sucos de tamarindo, que pareciam de groselha mas tinham gosto de limão. Bastante próximo ao local onde estavam a *Tienda Del Chavo* e a *Super de Kiko* havia a entrada de uma pequena vila, que o Sr. Pança logo se lembrou lhe pertencer – o que o fez entrar em disparada para taxar todos os sapos que ali viviam, inclusive um que lhe devia há dezoito meses e deixava crescer o bigode. Os outros quatro heróis entraram também pela porta e viram ali três casas: 14, 71 e a do sapo inadimplente.

Na 14 morava uma mulher que havia tido o marido marinheiro morto pelos perigos do mar. Ao ver Zidane, o marinheirinho, ela logo o adotou e o rebatizou de Kiko – em memória de seu falecido esposo. Na casa 71 morava uma temida senhora, que acabara de viver as glórias do sexto ano e agora realizava em sua casa o Conselho das Bruxas, onde se oferecia chá e devorava-se calouras ainda

frescas...Rapidamente, Gordines foi-lhes oferecer docinhos, mas arrependeu-se tão logo se deparou com uma das integrantes do Conselho. Penas, subnutrido como estava, entrou em um barril que acabara de chegar do Porto de Santos cheio de pizzas e começou a devorá-las.

Ao passar dos dias, nossos heróis verificaram que aquela comunidade era por demais tristonha, e decidiram criar ali o Festival da Vizinhança – onde os moradores se apresentariam para divertirem uns aos outros. Arranjou-se as ralés (que ficaram responsáveis por montar o palco no pátio da Vila e limpar tudo depois), achou-se um zelador de 100 anos e um apresentador (que era pato e tinha medo de ser sapo), as bruxas do 71 se encarregaram de maquiar os novos estrelas, e todo sapo que já passara por ali fora convidado (eram outros tempos, e também outros divulgadores...).

Na apresentação, o marinheirinho recitou um poema: “Mãmããe querida/Meu coração por ti bate...” e o novo morador do barril discursou al-

gumas palavras sobre um cão que ia pela estrada com o rabo entre as pernas. Houve também um Quadro – que mostrou a história do Super Bonder e sua astúcia não contada – e uma apresentação de canto e dança: “*Que bonita sua roupa/Que roupinha muito louca/Não vale nenhum centavo/Mas agrada a quem olhar*” (tal música fora inspirada nas estranhas roupas cinzas de um só bolso trajadas pelos nossos heróis, exceto o marinheirinho).

O Festival da Vizinhança fora um sucesso! (Apesar de ter acabado em briga).

Esse, amigos leitores, é o relato encontrado nos diários de Bolaños, o criador e intérprete da mais famosa série de TV enlatada mexicana, que reprisou no Brasil por poucos 18 anos. Até hoje Bolaños liga para os diretores do Show Medicina para agradecer-lhes por terem inspirado-no e o feito ganhar rios e dinheiro...



# BANCO DO BRASIL





## DC Informa

### XXIII COMU: Congresso Médico Universitário

Chegando em Setembro, o **XXIII COMU** está pronto para oferecer novidades do mundo médico acadêmico para *todos* os alunos de saúde. Este ano conta com o tema de "Equipe Multidisciplinar", sendo presidido pelo Prof. Dr. Wilson Jacob Filho. O COMU este ano se realizará de 20 a 30 de Setembro e contará com os se-

guintes cursos: Princípios de Pediatria, Sexualidade, Acupuntura, UTI, Medicina Legal e Ética na Prática Médica, Avanços em Terapêutica com Células-Tronco, Aspectos Básicos da Clínica, Emergências, Distúrbios Alimentares, Neurologia na Emergência, Diagnóstico em Enfermagem, Cirurgia Plástica Reconstructiva e

Estética, Ginecologia e Doenças de Alta Prevalência; além das Apresentações de Casos e Prática de Cardiopatologia Cirúrgica.

Pensando na diversas áreas e diferentes experiências foram desenvolvidos cursos para todos: cursos voltados para os primeiros anistas de Medicina (Aspectos Básicos da Clí-

nica e Doenças de Alta Prevalência); cursos para os mais experientes, como o de ginecologia e pediatria. Ou, é claro, cursos para todas as áreas da saúde, como o de diagnóstico em enfermagem.

Para maiores informações, procure o Departamento Científico! Não deixe de participar!

#### AGOSTO

12 a 20: II Curso de Medicina Além do Corpo  
23 a 27: Alergia e Imunologia  
28: II Jornada em Reabilitação Neurológica  
23 a 3/09: Princípios da Homeopatia

#### SETEMBRO

20 a 30: XXIII Congresso Médico Universitário

#### OUTUBRO

4 a 7: Distúrbio da Fala e Linguagem  
18 a 21: Medicina do Corpo



Jiraya - 89

Nosso projeto, além de promover a saúde da comunidade, também se preocupa com a saúde mental de nossos voluntários! Por isso, o Departamento de Sociais realizou

o "Convescote - EMArraial", em clima de Festa Junina, com vinho quente, quadrilha, e o tradicional concurso de sobremesas!!! E é com esse clima de confraternização entre os participantes que convidamos todos para participar do Interpanelas

2004, que será realizado em São Roque, no mês de agosto; grandes disputas, competição, jogos, show pirotécnico - não percam!!!

E quem não sonha em ostentar o símbolo do EMA no jaleco? Tendo em vista tamanha angústia, a Di-

retoria resolveu realizar um concurso, para eleger o novo símbolo do EMA, que será bordado nos jalecos dos voluntários! Maiores detalhes e o regulamento no site: [www.ema.dk3.com](http://www.ema.dk3.com).

Participe!

## MedEnsina

Cursinho MedEnsina reinicia suas atividades

Raquel Guerra\* - 88

O cursinho pré-vestibular MedEnsina acontece aqui na FMUSP todas as noites e tenta ajudar alunos carentes e muito interessados a entrar na faculdade (assim como a gente já tentou uma vez... duas vezes... três vezes...)! Se você está interessado em ajudar, gosta de dar aula e ainda lembra minimamente de alguma matéria, venha participar.

As vagas para plantonistas para o segundo semestre estão abertas.

Tudo o que ele deve fazer é estudar a matéria escolhida (uma só, daquelas do colegial mesmo, com o material que o Objetivo fornece), vir à faculdade uma vez por semana ao anfiteatro da Parasitologia (2º andar, do lado da biblioteca), e ficar no plantão de dúvidas das 18 às 18:45h. Em troca, no mínimo, os plantonistas ganham 5 créditos como matéria optativa. Tá achando muito fácil? Mas é assim mesmo: não requer prática nem tampouco habilidade, só responsabilidade.

Para quem se interessou ou já está no cursinho, haverá reunião para plantonistas na terça-feira, dia 27/07, às 19h (após o plantão), em anfiteatro a confirmar (procure placas), para reestabelecer grade horária e passar alguns avisos. A presença é obrigatória para todos!

Professores também terão reunião, na quinta-feira, dia 29/07, das 18 às 19:30h (em anfiteatro a confirmar também). Essa é ainda mais importante, para mudar a grade horária, passar avisos, regras, e or-

ganizar a situação das aulas ao longo do ano, para professores possivelmente atrasados. De novo, vale insistir que é *obrigatória* (depois não pode reclamar que caiu em um dia ruim, viu?).

Lembrando, para quem já participa mas está meio perdido pós-férias, que as aulas e os plantões já começaram, no mesmo horário e local. Contamos com vocês!

\*Diretoria MedEnsina



CAÓTICA

Ah, o Poder!!! A eterna disputa pelo Poder! Em ano de eleições, no mundo das greves, em qualquer mudança do cotidiano! Sempre é tempo de redefinir prioridades, rever as instituições, criticar a situação, traçar estratégias, afinar a astúcia, criar alianças... É um sobe-e-cai dos lados, e quem não tem um plano melhor do que o que está sendo aplicado? Vendo daqui de baixo, quem disse que se segue algum planejamento? Para quem está no palanque, como manter a boa aparência de sua instituição?! É preciso seriedade! Ordem! Muita organização! Um poquinho de burocracia, quem sabe... Nosso enfesado Calvin, personagem de Bill Waterson, traz em nosso socorro algumas tirinhas que vêm a calhar com o momento. E vamos levando!

